

Medidas Impostergáveis

“Ora, assim como, numa cidade, a população não se encontra toda nos hospitais ou nas prisões, também na Terra não está a Humanidade inteira!”

O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo III, item 7

A palavra sábia de nosso diretor revestiu-se de caráter emergencial. Os cooperadores do Hospital Esperança, recebemo-la como uma convocação para medidas inadiáveis.

A hora presente reclamava maior soma de informações sobre a natureza das provas depois da morte. Diversas equipes se mobilizaram ante os alvitreiros de Eurípedes para traçar planos.

Após o término da inspirada explanação, Dona Modesta convidou o Professor Cícero e o Doutor Inácio ao seu gabinete particular, a fim de se organizarem.

— Inácio, creio que acabamos de obter endosso a velhos anseios! – abriu o diálogo Dona Modesta.

— Modesta, você sabe, há quanto tempo, espero para levar ao plano físico um noticiário franco e destemido sobre a situação dos espíritas nesta casa. Adoraria assustar um bocado de gente...

— Chega de sustos, Inácio! O momento nos pede clareza, entretanto com objetivos puramente educativos. De

nada nos valerá surpreender e não educar.

— Jamais deveremos esquecer esse foco – atalhou o professor. Nossos confrades na Terra, especialmente os operários da mediunidade, carecem de apontamentos sobre mediunidade e transição. As colocações de Eurípedes foram decisivas. Imperioso oferecer-lhes mais vasta noção sobre o momento que atravessamos. De fato, as “cartilhas” e os “mentores culturais de sofismas” somente deixarão de existir quando fomentarmos a lucidez pelo bom senso.

— Continuo intrigado sobre como escalar essa montanha de condicionamentos sem “dinamitar”.

— Sim Inácio, sua assertiva não deixa de ter fundamento – aclarou Dona Modesta –, desde que apliquemos farta dose de lógica e instrução moral, junto às novidades contundentes que detonam os paradigmas.

Entre uma xícara de chá e outra, os três seareiros continuavam a conversa. O professor, sempre muito ponderado, procurava oferecer um roteiro para as medidas da hora:

— A evolução é uma Lei Natural norteada por ciclos. Homens e instituições, idéias e fenômenos da natureza obedecem ao sublime princípio da “emancipação ordenada”. Nascer e renascer, infância e maturidade, semeadura e colheita.

O Espiritismo alcança seu *período de maioridade*. É a etapa na qual ocorre a ceifa. Instante divino de definições, tendo em vista o futuro de expansão e glória a que tudo e todos se destinam na vida. Esse ciclo da ceifa orienta-se pela separação do “joio e do trigo”. Após crescerem juntos, é mister discernir para que servirá o fruto da plantação.

Após mais de um século de Espiritismo prático em Terras brasileiras, desponta o momento de avaliação face aos horizontes novos que se descortinam para nossa abençoada colmeia doutrinária. Hora de pesar as conquistas e construir

parâmetros adequados às necessidades no momento presente. Espiritismo é dinamismo e ação. Somos todos conclamados a ressignificar, repensar, avaliar e edificar.

Desde o surgimento do *Guia dos Médiuns e Experimentadores – O Livro dos Médiuns* – lançado em janeiro de 1861, o mundo ganhou o mais lúcido roteiro de condução das forças psíquicas. Inspirados em suas abordagens profundas e seguras, médiuns e doutrinadores lançaram-se ao exercício. As conquistas foram ilimitadas. Mais de um século de vivências com o mundo espiritual, através das célebres reuniões mediúnicas, foi suficiente para consolidar uma noção clara e consciente de imortalidade entre os encarnados. Embora acanhadas para um orbe que passou milênios na ignorância intencional sobre as realidades extrafísicas, essas foram passos muito significativos.

A hora da **maioridade** é, no entanto, uma chamada à mais vasta investigação nos domínios da vida futura.

Imprescindível superar conceitos e barreiras culturais erguidas no valioso laboratório do intercâmbio intermundos. Todo o saber acumulado deverá conduzir às novas sondagens com propósitos educativos. Assim como Allan Kardec lançou-se na pesquisa honesta dos fenômenos, contrariando todas as opiniões a respeito de sua atitude, hoje, os aprendizes da mediunidade que almejam servir à causa do Cristo são convocados a imprescindíveis discussões.

Até onde a “cultura das convenções” que avassalou o psiquismo de inúmeros cooperadores na seara terá, igualmente, penetrado nesse campo sagrado da relação interdimensional? Os parâmetros estabelecidos como roteiros de segurança mediúnica não estarão, em verdade, constituindo fortes amarras ao progresso das práticas de intercâmbio? Que caminhos tomar para situar a tarefa mediúnica como laboratório educativo de almas, distante do dogmatismo? Como edificar grupos de servidores mais

adequados aos imperativos da hora de transição? Como resgatar e como utilizar a espontaneidade? Que noções cristãs exarar sobre educação mediúnica? Quais seriam os critérios na seleção dos componentes de uma frente de serviços mediúnicos em tempos de transição?

— Excelente reflexão, professor! — manifestou Dona Modesta.

— Sem dúvida, essas indagações são pertinentes ao contexto de muitas histórias que nós conhecemos neste Hospital! — exclamou o médico uberabense. Daí, por que não oferecer aos companheiros na carne uma nova série de obras que retratam os sucessos e insucessos dos espíritas?

— Não só dos espíritas, mas dos amantes da mensagem Cristã.

— Que seja, Modesta. O que importa é o casuísmo. Para mim, os escritores espirituais foram muito generosos, poupando notícias nesse particular — asseverou, com sua típica sinceridade, o Doutor Inácio.

— Generosos, não, Inácio! Foram compassivos — retrucou o professor.

— Pode ser! Ainda assim o momento pede um “susto” — insistiu o doutor.

— Tenho a certeza, Inácio, de que sua ligação com o médium uberabense será o caminho certo para os recados mais “diretos”. Essa será uma vertente a seguir. Por outra análise, Eurípedes tem demonstrado enorme esforço na formação de trincheiras do amor cristão e humanitário. Fale-nos um pouco mais de sua experiência no assunto, professor — solicitou Dona Modesta.

— Em todas as épocas, os inventores e descobridores, cientistas e expoentes da cultura, educadores e religiosos tiveram a proteção de frentes solícitas e benéficas, a fim de exercerem suas missões e compromissos. Trincheiras de amor sempre foram organizadas em torno de quantos acalentaram

e viveram pelos sonhos de progresso e amor. Se esse é o dinamismo do Mais Alto em favor de quantos cuidam do avanço linear do planeta, que se dirá daqueles cuja tarefa é abrir os olhos dos homens, verticalizando a mentalidade e a ação para os destinos além da matéria? Os vanguardeiros da espiritualização sempre são alvos da Misericórdia Celeste no cumprimento de seus misteres.

Por essa razão, nossa fala converge para um apelo clamoroso e urgente na formação de trincheiras de amor para o planeta. Tais medidas fizeram-se indispensáveis e, algumas vezes, insubstituíveis para com os projetos de caridade e resgate em tempos de transição planetária.

Os serviços defensivos do bem, nessa etapa de mutações, são imprescindíveis. Urge a criação de pólos de retaguarda e refazimento espiritual. Toda pequenina luz que se acende no bem é tremendamente procurada pelo movimento das trevas densas. Difícil avançar na direção da luz sem inspiração e equilíbrio. E, sem imunidade, não garantimos por muito tempo as aspirações nobres.

Os ataques e a criatividade dos gênios da perversidade nunca foram tão pujantes. Essa é a lei. É preciso que o inferno procure o céu para exterminá-lo e acabe concluindo sobre a conveniência de aceitá-lo.

Pesada nuvem se adensa na psicofera terrena, proclamando a decisiva hora do ajuste. As espessas crostas do mal são cuspidas dos abismos e sobem à superfície em regime de higienização psíquica do planeta. Uma marcha, jamais vista em todos os tempos, movimenta as regiões abissais da erraticidade. Tempo de transição!

Uma semicivilização se esconde nas entranhas da subcrosta. Por lá, enxameia a vida em estágios de precariedade e sordidez. São nossos irmãos. Nossa família.

Nossas notícias não devem, porém, ser analisadas sob um prisma apocalíptico de decadência e ruína. Muito ao

contrário! Se a humanidade “atrai” a sua parcela enfermeira “para cima”, é porque adquiriu os recursos profiláticos para se curar. Essa é a ordem. Esse é o ciclo pelo qual passamos nessa Casa de Esperança, chamada Terra.

Nos compromissos da espiritualização, despedem-se do mundo físico os “desbravadores da Era do Espírito” para que assumam os “operários audaciosos da regeneração”. Somente com muita coragem e desprendimento de convenções e padrões rígidos, seremos capazes de estabelecer ambientes para as sentinelas vigilantes do amor nesse turbilhão de lutas e conflitos.

O espírita, nesse cenário, é convocado a severo chamado. “*Muito será pedido a quem muito recebeu...*” ⁽¹⁾ Hora de romper com as amarras do receio e, a exemplo do Senhor Allan Kardec, em plena Paris da cultura e do saber, lançar-se ao trabalho.

Decerto todo espírita consciente, por fazer parte da sociedade encarnada, deverá agir como um cidadão cuja tarefa é realizar seu papel responsável na erradicação dos males coletivos em todas as esferas. Ledo engano, todavia, será ignorar que a origem de todos os males humanos, em todas as épocas, sempre teve como raiz os sítios da perversidade, organizados há mais de dez mil anos nas grotescas localidades da vida errática.

Ninguém, em sã juízo, vai querer resolver os problemas do mundo dentro de uma reunião mediúnica de amparo, descuidando da tarefa de responsabilidade social. Mas nosso apelo dessa hora é para a formação de grupos conscientes, dispostos a cooperarem em uma das mais árduas medidas de saneamento e solução, ante os destinos novos da humanidade.

Há vida nesses antros fétidos e nauseantes. Cabe-nos enxertá-los de esperança para recobrem a lucidez.

Há vida nesses pântanos de amargura, compete-nos

nutri-los de carinho para sentirem que podem recomeçar.

Nesses pântanos de dor, existem lírios exuberantes capazes de refletir a luz do sol. É nossa família que ficou no tempo, mendigando nosso amor. Apresentam-se iludidos pelo orgulho e, fazendo-se de fortes e vingativos, entretanto, amam e amam muito. Nosso desafio é amá-los ainda mais para descobrirem o quanto vale a pena viver plenamente e retomar nossos caminhos para Deus. Busquemos os nossos lírios.

Depois de uma pausa em que se mostrava, sobremaneira, emocionado, continuou o professor:

— Nossos números de censo são muito próximos do censo humano.

No período da vinda do Cristo à Terra, a faixa estimativa populacional girava na ordem de trezentos milhões de almas reencarnadas. Nessa ocasião, os censos do Mais Alto notificam que, entre encarnados e desencarnados, a Terra possuía uma população geral na ordem de vinte bilhões de almas. Nunca aconteceram tantas reencarnações na humanidade até essa época. Depois houve um declínio acentuado em virtude da precária condição de vida na derrocada do império Romano, reduzindo a população humana a menos de duzentos milhões de criaturas no corpo. Somente no segundo milênio da Era Cristã, a população voltou a crescer vertiginosamente, atingindo pouco mais de quinhentos milhões de almas na carne até o século XV. Em 1900, o contingente girava em torno de um bilhão e seiscentos milhões. Mas somente após 1950, encontramos o período decisivo da humanidade. Viramos o milênio com a estimativa da população terrena de seis e meio bilhões de espíritos no corpo e com uma população geral de trinta bilhões de criaturas.

Essa projeção nos auxilia a concluir que, em certas épocas, os serviços socorristas realizaram-se totalmente na vida espiritual, considerando ser inexequível efetivá-lo com a

participação humana. Depois da Doutrina Espírita e da experiência adquirida em mais de cem anos de atividades medúnicas, o cenário é outro. Hoje são mais de seis bilhões de espíritos no corpo e nunca a Terra passou por tão diferenciado processo de êxodo, migração e emigração de espíritos entre o mundo dos sentidos físicos e extra-sensoriais.

A senhora tem reflexões mais claras, Dona Modesta, sobre o significado desses dados!

— É verdade, professor. Venho analisando-os para ter uma noção mais fiel sobre a extensão do trabalho que nos aguarda nesse século, junto aos servidores da mediunidade em ambas as esferas.

A Terra tem hoje um pouco mais de seis bilhões de almas, envergando o corpo carnal. Sua população geral, conforme os “censos” do Mais Alto, chega à faixa de trinta bilhões de criaturas atraídas pelo magnetismo e lutas do planeta.

Do contingente geral, temos vinte por cento dos habitantes reencarnados. O que possibilita pensar em quatro almas de cá para cada uma na vida física.

Através de controles bem mais elaborados e sem margens de falhas, as equipes de celestes sociólogos, que orientam os destinos dos continentes, destacam que quatro bilhões desses seis bilhões reencarnados são almas doentes que purgam dolorosos processos de reeducação. Os outros dois bilhões são corações na busca ostensiva de sua recuperação, entre os quais, pouquíssimas vezes, encontramos os chamados “missionários coletivos”, ou “encarregados de outorgas específicas” que venham a corroborar com o planejamento do progresso e bem-estar social.

Algo muito similar sucede-se com os outros vinte e quatro bilhões da população terrena na erraticidade. Temos doze bilhões de desencarnados em patamares de luta e sofrimento, seis bilhões de almas medianas que já cooperam

eficazmente na tarefa regenerativa de outros, e mais seis bilhões de condutores elevados, entre os quais se encontram os “avatares” que velam pelo grande plano do Cristo para o orbe, missionários, guias espirituais, avalizadores, espíritos superiores, auxiliares galácticos. A maioria deles liberados da reencarnação ou ainda inúmeros homens e mulheres comuns, que venceram as provas expiatórias no suceder das reencarnações.

Algumas inferências tornam-se necessárias para que possamos apresentar propostas de serviço e cooperação inadiáveis aos amigos no corpo. Somando-se à aglomeração de seres em franca condição de dor e doença, temos um total de dezesseis bilhões, em ambos os planos de vida, distribuídos em quatro bilhões no corpo e mais doze bilhões nas regiões de pavor e desequilíbrio de nosso plano. Uma média de três almas em crise para cada uma em tormenta na vida física, totalizando um pouco mais de cinquenta por cento da população geral do orbe.

Desses dezesseis bilhões encontramos quatro bilhões de almas, apesar de enfermas, em franca busca do bem. Outros quatro bilhões são criaturas perversas que deliberadamente agem no mal. Os oito bilhões restantes se encontram em postura de indiferença ou indecisão, com fortes apelos para a apatia e o desânimo. Essa faixa de doze bilhões de enfermos traz em comum a falta de idealismo superior e o apego às questões materiais, dois traços que se distribuem de conformidade com a individualidade, seus pendores, seus valores e sua cultura. E daqueles quatro bilhões de irmãos nossos que gerenciam o mal através da perversidade, temos hoje nada menos que um bilhão deles em plena sociedade terrena, destilando o fel da cultura nociva e da atitude insana, enquanto outros três bilhões ainda guardam os postos mais elevados nas “ordenações infernais” juntos às esferas extrafísicas.

Imaginem uma casa terrena com cinco membros na família e considerem que, no mínimo, mais vinte entidades ali transitam quase que diuturnamente. O critério que define essas aproximações são variados e multifacetados, criando as mais infinitas formas de interação e convivência.

Tomando por base a colocação de *O Livro dos Médiuns*, item 232, temos:

Consideremos agora o estado moral do nosso planeta e compreenderemos de que gênero devem ser os que predominam entre os espíritos errantes. Se tomarmos cada povo em particular, poderemos, pelo caráter dominante dos habitantes, pelas suas preocupações, seus sentimentos mais ou menos morais e humanitários, dizer de que ordem são os espíritos que de preferência se reúnem no seio dele.

O Brasil insere-se como grande pólo magnético que renova e alivia as dores humanas pela força natural que irradia de seu povo e de seu solo. Fé espontânea e natureza rica são fontes inesgotáveis de atração para quantos se encontram sem norte na vida espiritual. Razão pela qual esse torrão tem funcionado como um centro de gravidade para todas as questões que dizem respeito à história e aos caminhos da Terra.

Nessa etapa chamada transição, torna-se imprescindível alargar os horizontes dos depositários da revelação espírita, a fim de não reduzirem, em míseros informes literários, a complexidade das operações de que se revestem esses períodos decisivos para o futuro.

Transição é o período que separa dois ciclos. Passamos, neste instante, pela transição entre o ciclo provacional-expiatório para o ciclo regenerativo.

Além de fatores sócio-políticos e econômicos, o traço indelével dessa metamorfose é, antes de tudo, espiritual. Os caracteres do homem civilizado são claros conforme a questão 793, de *O Livro dos Espíritos*:

Todavia, não tereis verdadeiramente o direito de dizer-vos civilizados, senão quando de vossa sociedade houwerdes banido os vícios que a desonram e quando viverdes como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que hão percorrido a primeira fase da civilização.

Homens civilizados, na acepção integral da palavra, são aqueles que integram moral e inteligência a serviço do bem de todos.

A moralização do planeta é condição essencial para que se instale a Era da Regeneração.

— Esses dados deveriam ser os primeiros a serem revelados ao plano físico! — intercedeu Doutor Inácio. Somente estando por aqui para se ter noção do significado de uma tarefa de intercâmbio nesse cenário de lutas globais.

— Exatamente, Inácio. Esse é um foco importantíssimo!

— Volto a insistir...

— Lá vem o cabeça dura!... — descontraiu Dona Modesta.

— Você já sabe, Modesta...

— Claro que sim! Você adoraria dar notícias sobre os infernos.

— Que sabem os espíritas sobre dragões, as sete organizações do mal, a origem de Lúcifer, a influência das falanges perversas na raiz do mal?... Que noções possuem sobre a antropologia da maldade organizada no planeta? Será que já ouviram sobre as “escórias”, o “vampirismo assistido” e os “vibriões”? Quem revelou algo sobre os sete vales da perversidade e o cinturão vibratório que agasalha a humanidade? Quantos conhecem sobre as relações entre religião e as ordenações das hostes do mal? Quais informações possuem sobre a vida social nessa semicivilização? Que conhecem além do umbral?

— E acreditariam? — aparteu o professor.

— Certamente teriam dificuldade. Se eu mesmo, estando aqui, me assusto ainda com o que vejo, que se dirá no plano físico?! Apesar disso, a hora chegou e estamos convocados a novos procedimentos.

— Inácio tem razão, professor! Eurípedes referiu-se à Parábola das Bodas. Não podemos pensar naqueles que são considerados os “aprovadores da pureza doutrinária” se desejamos servir ao Cristo. Se nossos propósitos forem honestos e consistentes, serão ouvidos pelas almas livres de amarras culturais e dispostas a dilatar sua visão espiritual. Só não podemos ser ingênuos... – concluiu Dona Modesta.

— Nossa coragem não pode ser ingênua! Nisso concordo... – completou Doutor Inácio.

— E o professor, que pensa?

— Realmente compete-nos informar sobre a extensão do mal para chamar os homens a dimensionar o serviço que nos aguarda. Entretanto, haveremos, igualmente, de noticiar sobre as medidas salvadoras do bem a fim de incentivar o otimismo.

O “excremento mental” de expressiva parcela da humanidade geral, decorrente de hábitos primitivos e de atitudes perversas, contamina a psicofera terrena com espessa “nuvem bacteriana” capaz de provocar desequilíbrios de variado matiz.

Organizações que envelheceram nas técnicas do mal e da sordidez, da crueldade e da inteligência beligerante, mais que nunca, agitam seus “bastonetes de ódio” contra as felizes investidas do Mais Alto em seus “Túmulos de Maldade”.

Essa matéria mental, por si só, representa pesado ônus para o psiquismo humano que, para se ver livre de seu contágio, carece de severo regime de asseio nos pensamentos, nos costumes, na oração defensiva, na meditação e na ação benfazeja.

Estamos todos, sem exceção, a serviço do programa

regenerativo da humanidade, planejado pelo Cristo para instauração da Era do Espírito na Terra.

Os corações apaixonados pelos interesses maiores assumem espontâneos retornos à vida material no desafio dos testemunhos. Outros tantos, que já se encontram nos ofícios de espiritualização, são convidados a trabalhar pela “escória das trevas” em ambos os planos de vida.

Uma encarnação nesse clímax vale por mais duas, considerando o aproveitamento que se fará.

Essa é a mensagem contida no Evangelho quanto aos trabalhadores da última hora, que recebem salário igual, mas que suam com mais intensidade os seus membros no trabalho ativo.

Quem desdenhar semelhante quadro aqui apresentado por nós, certamente estará optando pela ilusão que prefere tirar-nos a chance de enxergar e vislumbrar o desafio mais difícil e doloroso, em detrimento das leiras confortáveis de labor, assemelhando-se ao lavrador que, pretextando prudência, não sai ao sol, nem vai aos campos, aguardando farta colheita de frutos somente porque tem em seus celeiros os divinos grãos do espiritismo...

Mensagens como essas ainda não devem ser dirigidas a uma comunidade que não se sente sensibilizada por trocar horas de lazer pela edificação moral. Se muitos aprendizes ainda vacilam em acreditar que as trevas podem com grande mestria reencarnar os verdugos do vício e da veleidade, como acreditarão em propostas voltadas para o sacrifício e o desprendimento? Se muitos médiuns ainda vacilam em deixar seus prazeres de fim de semana, como receberão semelhantes notícias?

Certamente, nesses casos, os “velhos chavões” funcionarão como escape e justificativa: “Por que mensagens tão desastrosas quando o espiritismo deve confortar?!” “Por que notícias tão tristes quando a função da Boa Nova é dar a

boa notícia?!” Outros mais dirão: “A que pode nos conduzir essas idéias senão ao medo e terror?!” Ainda outros vão asseverar: “Com que fim, algum espírito do bem trataria desses assuntos?!”

As perguntas se multiplicarão, embaladas pelo desculpismo e pela invigilância dos que se acostumaram aos regimes de “dever cumprido” no limite das folgas.

Porém, aos que destinamos essa convocação em regime de urgência, será pedido muito equilíbrio ante o medo de dar novos passos e a prudência que, nós próprios, os conclamamos para não se perderem nos labirintos da fascinação e do fanatismo.

— Tomaremos, portanto, medidas no intuito de apressar a formação de novos horizontes aos lidadores espíritas no que concerne à mediunidade. Que cada qual reúna sua equipe e defina os passos – arrematou Dona Modesta.

⁽¹⁾ Lucas, 12:48.’

04

Novos Colaboradores

“Aliás, que importam algumas dissidências, mais de forma que de fundo! Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por toda parte e vos há de unir num pensamento comum: o amor a Deus e a prática do bem.”

Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, conclusão, item LX.

Era chegada o momento de levarmos ao mundo físico um novo contingente de reflexões acerca das relações interdimensionais. Todas as atividades do nosocômio, especialmente as alas destinadas a médiuns e dirigentes, passariam por avaliações profundas no intuito de melhor atenderem aos desígnios dos Planos Maiores. Entre nós, os desencarnados, havia muito a ser feito.

No dia posterior à palestra, reunimos com o professor Cícero Pereira. Discutimos algumas medidas para as tarefas de rotina junto ao pavilhão dos dirigentes espíritas. Seria de bom alvitre ampliar o raio das discussões, oferecendo maior liberdade aos recém-ingressos no Hospital. Suas impressões, ainda carregadas pelo teor das idéias geradas no plano físico, constituem farto material educativo.

Nas atividades matinais, cujo objetivo é realizar o processo gradativo de adaptação e desilusão *post mortem*, reunimos pequeno grupo de líderes espíritas recentemente